

MACUNAIMA VÊ A NEVE – Ivo vê o ovo* (* 1º frase da cartilha anos 50/60)

O outono no Oregon, costa oeste US, só pela variação de cor, possibilita paisagens novas sem se buscar novos ângulos. Escolhi uma janela grande que dava para a serra e do verão ao inverno, pintei durante 100 dias. As primeiras telas ficaram verdes, as seguintes coloridas e as últimas cinzas, como no ciclo da vida.

Ouvi de americanos que conheci, que detestavam (hate) a neve e o Natal seria ensolarado se pudessem manipular o clima. Dificuldade de locomoção, frio, despesas e o pós-neve, é ruim para todos. O planejamento e uma série de procedimentos exigidos, antes, durante e quando a neve derrete, atormenta. A enorme quantidade de lenha que uma lareira consome, equipamentos para a casa e carros, variedade de roupa, dificuldade com alimentação, higiene e saúde, são problemas da vida subtropical que desperta inveja pelo nosso clima sem grande oscilação.

Festejamos, com alegria, o carnaval que precede a fase de tristeza e recolhimento chamada quaresma, levada a sério até há pouco tempo, o Natal é o equivalente deles, marca o solstício de inverno no hemisfério norte, início da fase cinza. Onde neva Natal é mais festejado, não pela beleza da primeira neve que cai sobre os pinheiros, ou religiosidade, mas por anunciar o frio. Baixas temperaturas, neve e chuva, submetem o homem a um jejum da natureza, propiciando reflexões interessantes, como o jejum na quaresma. O inverno é força propulsora que determina atitudes numa sociedade. Como ocorre com regularidade, estabelece padrão de comportamento que promove seleção social; os que não se adaptam são eliminados todos os anos. Funciona como uma poderosa polícia do sistema, fomentando a produção, punindo os infieis e inviabilizando improvisações.

Em país tropical ninguém precisa fazer casa com paredes duplas, aquecimento, roupas e calçados caros, acumular comida e o carro pode até enguiçar. É sempre fácil ir e vir. Num barraco nos reproduzimos com desenvoltura. Sentimos frio no vento sul e calor no verão, mas nada que se compare aos níveis de onde neva. A construção das nossas cidades, com arquitetura imprópria e a ocupação do solo sem levar em consideração o ambiente, é que tem criado infernos localizados. Fazemos amor numa Brasília de portas abertas, ou atrás da moita, com mais conforto que num motel com lareira. Horta é possível o ano todo, e colhemos frutos, raízes, pescamos e caçamos. Não há imperativo climático. Podemos, por graça divina, deixar sempre para começar amanhã, não existe última hora, o ano todo se repete. Nesse clima é muito mais difícil organizar e motivar pessoas para trabalho social convencional. O general frio não nos inspeciona, castigando ou eliminando descuidados.

A neve brasileira mostra o frio, lembrando as vantagens da liberdade, flexibilidade e economia, em clima temperado. Precisamos de motivação para assimilar uma psicologia social alienígena que parte da premissa do inverno, induzindo acumulação, planejamento e rígida programação. No século XVI, falharam com os índios, oferecendo espelho, contas e apito. Hoje, nos oferecem a neve da serra gaúcha, Miami, estação de esqui, carnaval, bens, viagens, plano de saúde, ... Encontre a sua e não esqueça, diz o psicólogo vigilante, com Ph.D. em Harvard. Para frente é que se anda, emenda o caranguejo politicamente correto que vai de lado, se reproduz aos milhares em buracos na lama e não quer nem saber.

Somos abençoados, só vemos neve na TV. Um dia descobriremos que o sol brilha para todos, mas muito mais para nós. Podemos ser diferentes. Macunaíma que viu a neve, busca a síntese tropical. Que seja rápido, antes da próxima chacina eliminar o último malandro.

Kleber Galvêas

07/00

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil - Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: atelier@galveas.com www.galveas.com